

Por que os palestinos estão ganhando a guerra midiática: uma entrevista com David Bedein para a revista Reform Judaism

Tradução: Fábio Schuchmann

David Bedein dirige a Agência de Notícias e Recursos de Israel com sede em Jerusalém, que fornece serviços de notícias para a mídia estrangeira, desde 1987. Ele também trabalhou em missões especiais para a BBC, a Rádio CNN, o Los Angeles Times e a revista semanal de notícias de Israel Makor Rishon. Ele foi entrevistado pelo editor da RJ, Aron Hirt-Manheimer.

Você concorda com aqueles que dizem que “os palestinos têm feito um trabalho melhor do que os israelenses na frente de relações públicas”?

Sim. Nos últimos vinte anos, os palestinos superaram os israelenses em enquadrar o conflito para a mídia mundial. A virada aconteceu durante a Guerra do Líbano em 1982, quando os palestinos iniciaram uma campanha de propaganda para se apresentarem como defensores dos direitos humanos e os israelenses como violadores. Ao mesmo tempo, o irmão de Yasser Arafat, Dr. Fatchi Arafat, explorou sua posição como diretor da Palestinian Red Crescent Society para divulgar números grosseiramente inflados de vítimas. Em 10 de junho de 1982, por exemplo, o Dr. Arafat emitiu uma declaração fr que “10.000 palestinos morreram e 600.000 ficaram desabrigados nos primeiros dias da guerra” - uma mentira calculada para retratar os palestinos como vítimas de um crime genocida no Líbano. Na verdade, a população total na zona de guerra era de menos de 300.000. Mesmo assim, o Comitê de Ação da Cruz Vermelha Internacional e o Comitê de Ação no Oriente Médio do American Friends Service Committee espalhou a cifra de 10.000 mortos e 600.000 feridos para todos os meios de comunicação do mundo, e as principais redes americanas aderiram a história. Jessica Savitch, da NBC, relatou: “Estima-se agora que 600.000 refugiados no sul do Líbano estão sem alimentos ou suprimentos médicos suficientes”.

Os profissionais da mídia palestina não têm escrúpulos em enganar a mídia para obter vantagens políticas. Em sua tentativa de convencer o mundo de que as Forças de Defesa de Israel (FDI) massacraram centenas de civis no campo de refugiados de Jenin durante

a Operação Escudo Defensivo, eles usaram carcaças de animais para encher o ar com o fedor de carne podre em lugares onde repórteres e oficiais da ONU provavelmente visitariam. As FDI captaram essa manobra em vídeo, enquanto palestinos faziam um funeral encenado em que “o corpo” saltou do caixão e correu para se proteger quando um avião de vigilância israelense sobrevoou o local.

Você está sugerindo que essas táticas têm sido contraproducentes?

De jeito nenhum. Esses erros são a exceção. Os palestinos têm um excelente histórico de manipulação de imagens que aparecem na mídia mundial. Eles obtiveram uma enorme receita inesperada de propaganda no início da segunda intifada, quando uma equipe de filmagem palestina que trabalhava para uma rede de televisão francesa gravou o assassinato de Mohammed al-Dura, de onze anos, enquanto seu pai tentava em vão protegê-lo durante uma batalha em um entroncamento perto de Gaza. O vídeo, editado para retratar as FDI como assassinos de crianças sem coração, se encaixa perfeitamente no enredo palestino. O governo israelense caiu na armadilha, emitindo um pedido de desculpas antes mesmo de investigar o incidente. Mohammed al-Dura, o "garoto-propaganda" da segunda intifada, entrará para a história como um célebre mártir do povo palestino - e ainda, a versão palestina da morte de al-Dura é uma mentira, uma invenção de profissionais de relações públicas palestinos. Uma investigação completa das FDI, divulgada três semanas após o incidente e confirmada por uma equipe de TV alemã, mostrou que as balas disparadas contra o menino vieram da direção de homens armados palestinos que atacaram um posto de guarda israelense. Mas o mundo tinha “testemunhado” o tiroteio de al-Dura, conforme o roteiro da mídia - uma atrocidade cometida pelas tropas israelenses - e o dano não poderia ser desfeito. É impossível colocar a pasta de dente de volta no tubo.

Quando esses profissionais de relações públicas palestinos entraram em cena pela primeira vez?

Em março de 1984, Ramonda Tawill, uma profissional de mídia (que seis anos depois se tornaria a sogra de Yasser Arafat), ajudou a OLP a estabelecer o Serviço de Imprensa Palestino (PPS) para fornecer assistência a jornalistas visitantes e conduzir seminários de treinamento em relações públicas. O PPS então juntou forças com o Centro de

Informação dos Direitos Humanos da Palestina (PHRIC) para mudar a imagem da OLP de um movimento de libertação no estilo dos anos 60 para uma organização que luta para proteger as vítimas de abusos dos direitos humanos israelenses. Os seminários da PHRIC instruíram seus “alunos” a direcionar todas as entrevistas à mídia para os mesmos temas - ocupação israelense, assentamentos ilegais, abusos dos direitos humanos e o direito dos refugiados palestinos de voltar para casa. Independentemente da pergunta, esses temas deveriam ser repetidos indefinidamente. Eu sei disso em primeira mão, porque nossa agência estabeleceu uma política para designar nossos estagiários de jornalismo para fazer os cursos de Tawill.

Uma de suas grandes “conquistas” veio em maio de 1985, depois que em troca de 7 soldados israelenses, Israel libertou mais de mil terroristas condenados da OLP. Como forma de desviar a atenção da mídia de seus crimes, Tawill treinou esses terroristas libertados para enfatizar que eles foram torturados nas prisões de Israel por “ativismo político” e “apoio ao nacionalismo palestino”. Aprendi essa tática com vários alunos de Tawill em um curso de mídia que fiz em maio de 1986. Eles explicaram que, ao monopolizar o tempo dos repórteres com histórias de tortura, os jornalistas invariavelmente teriam que completar a entrevista antes de terem tempo de perguntar aos terroristas sobre as ações que levaram à sua captura e prisão. Na época, a inteligência israelense não permitia que repórteres consultassem os arquivos das prisões de detentos de segurança máxima, portanto, os crimes desses terroristas praticamente não foram relatados pela mídia.

O PHRIC foi amplamente percebido como uma organização de direitos humanos legítima?

Absolutamente. Em meados de 1989, as organizações internacionais de direitos humanos reproduziam rotineiramente as informações desenvolvidas pelo PHRIC, que até então havia obtido financiamento da Fundação Ford e estabelecido escritórios em Chicago e Washington. Dirigindo-se à mídia em Jerusalém em novembro de 1989, o porta-voz da Anistia Internacional, Richard Reoch, reconheceu que sua organização considerava a OLP, que trabalha com o PHRIC, como uma fonte objetiva de informação. “Visto que a OLP não é um órgão governamental”, disse ele, “nos sentimos confortáveis com o fato de a Anistia usá-los como fonte”. E um porta-voz da

embaixada dos EUA me disse em fevereiro de 1989 que o PHRIC tinha credenciais “impecáveis”.

Como os profissionais de relações públicas palestinos obtêm seu treinamento hoje, e quem o financia?

A Sociedade Acadêmica Palestina para o Estudo de Assuntos Internacionais (PASSIA) oferece cursos e mais de trinta manuais de instruções sobre relações públicas, relações com a mídia, arrecadação de fundos, comunicações, lobby e oratória. A PASSIA treina acadêmicos palestinos que irão ensinar no exterior sobre como promover sua causa em campi universitários; além disso, os palestinos nos Estados Unidos são ensinados a buscar os constituintes árabes em cada distrito congressional e a fazer lobby junto aos membros do Congresso por apoio político e financeiro à causa palestina. E quem paga a conta da PASSIA? A Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), um programa do Departamento de Estado dos EUA, concede à PASSIA e a dezoito outras firmas de relações com a mídia palestinas em Jerusalém mais de 1 milhão de dólares por ano. Foi apenas em março passado, depois de um funcionário do Comitê de Relações Internacionais dos EUA, descobrir que a USAID estava fornecendo verbas para as relações com a mídia palestina e que membros do Congresso tomaram conhecimento dessa ajuda. O congressista Eliot Engel (D-NY), surpreso, olhou o manual de advocacia da PASSIA e disse, incrédulo: “Estamos aqui no Congresso, pagando-os para fazer lobby conosco”.

Como os israelenses reagiram a essa estratégia palestina de retratá-los como violadores dos direitos humanos?

Os israelenses constantemente se encontram na defensiva. Eles parecem não conseguir sair da caixa em que os palestinos os colocaram. Ao enquadrar o conflito como uma questão de direitos humanos, os palestinos conseguiram convencer muitos jornalistas, pelo menos em algum nível, que todo ato de terrorismo contra civis israelenses não é um crime, mas uma resposta legítima aos abusos dos direitos humanos.

Qual é a estrutura organizacional do programa palestino de relações públicas e como ele difere de Israel?

A principal organização de mídia palestina, conhecida como Centro de Mídia e Comunicações de Jerusalém (JMCC), é fortemente subsidiada pela União Europeia e pela Fundação Ford. Liderado pelo Dr. Ghassan Khatib, um associado próximo de Yasser Arafat, o JMCC fornece à mídia estrangeira serviços profissionais de primeira linha - equipes de câmera, tradutores, fotógrafos e transporte acessíveis, bem como boletins de imprensa diários, documentos informativos e pessoas para entrevistar.

O governo israelense fornece à imprensa visitante diversos boletins, mas deixa o fornecimento de equipes de filmagem e serviços de tradução para o setor privado. Nenhuma equipe de TV israelense pode competir com o altamente subsidiado JMCC, que essencialmente monopolizou o mercado de serviços de mídia para a imprensa estrangeira. A imprensa estrangeira é totalmente dependente do pessoal de apoio técnico palestino, que tem forte influência na narrativa e nas imagens veiculadas na mídia ocidental.

Os palestinos têm presença de relações públicas em Washington DC?

Seu homem em Washington é Edward Abington, que serviu como cônsul dos EUA em Jerusalém quando a USAID começou a financiar o PASSIA nos anos 90 e agora está registrado como agente estrangeiro pago da OLP em Washington. Abington coordena as informações do JMCC, PASSIA e outras agências de informação palestinas e coloca uma face moderada na causa palestina, o que muitas vezes significa controle de danos. Por exemplo, cada vez que uma das milícias de Arafat assume o crédito por um ataque terrorista, o escritório de Abington rapidamente emite uma declaração à mídia negando o envolvimento de Arafat. Um caso em questão: em 20 de novembro de 2000, o Fatah foi citado na rádio oficial PBC e na TV PBC como tendo o crédito por um ataque a um ônibus escolar perto de Kfar Darom, onde dois professores foram assassinados e três irmãos foram mutilados para o resto da vida. Mesmo assim, a CNN informou que a OLP havia condenado o ataque. Liguei para o escritório internacional da CNN em Atlanta para perguntar sobre as declarações contraditórias. A pessoa na mesa,

uma estagiária de dezenove anos, me disse que recebeu um telefonema do escritório de Abington em Washington, seguido por um fax, negando o envolvimento da OLP.

Abington também fornece à imprensa e ao governo dos Estados Unidos "traduções" dos discursos de Arafat. Em 15 de maio de 2002, Arafat fez um discurso ao Conselho Legislativo Palestino no qual comparou os acordos de Oslo ao tratado de paz de dez anos entre Maomé e a tribo judaica de Qureish, um tratado que o fundador do Islã rasgou dois anos depois, quando suas forças tiveram o poder de massacrar a tribo judaica. O presidente Bush declarou que Arafat estava falando as “palavras certas”. Quando nossa agência de notícias perguntou à embaixada dos Estados Unidos em Israel se todo o discurso havia sido enviado a Bush, os funcionários da embaixada responderam que Bush ainda não havia recebido nada do discurso. Em seguida, ligamos para o escritório de Abington, que nos disse que havia fornecido o discurso traduzido ao presidente. Claramente, o texto fornecido pelo escritório de Abington chegou antes de qualquer despacho oficial do escritório de informações do embaixador. As “palavras certas” convenientemente excluíram a mensagem belicosa de Arafat.

As organizações palestinas médicas e de assistência estão envolvidas na “guerra da mídia”?

Como as chamadas organizações palestinas de direitos humanos, a União dos Comitês de Assistência Médica da Palestina (UPMRC), dirigida pelo Dr. Mustafa Al-Bargouti (irmão do líder do Fatah Tanzim, Marwan Al-Bargouti), coordena suas estratégias com a do Dr. Fatchi Arafat, na disseminação de relatórios absurdos de negligência médica israelense e tortura de palestinos. Também houve vários incidentes em que informações falsas emitidas por fontes da UPMRC foram coletadas pela mídia dos EUA. Em 11 de julho de 2001, por exemplo, a Associated Press informou que uma mulher palestina grávida foi morta a tiros em uma barreira israelense. Na verdade, ela não morreu, e o médico que disse ao repórter da AP que ela foi baleada e morta nem mesmo a viu. Ele estava em uma cidade diferente na época. AP se reverteu no dia seguinte, relatando que “os soldados israelenses não impediram uma mulher palestina em trabalho de parto de passar por um posto de controle israelense, refutando as alegações iniciais de dois médicos palestinos”. Outro incidente: no final de maio, a National Public Radio transmitiu uma reportagem paralela de um atentado suicida palestino em um restaurante

ao ar livre perto de Tel Aviv que matou uma criança e sua avó, e paralelamente o assassinato de uma avó palestina e uma criança que as FDI confundiram com infiltrados terroristas. Médicos palestinos disseram ao repórter da NPR que os corpos das vítimas palestinas foram queimados, desmembrados e esmagados por um tanque israelense. O NPR incluiu essas acusações infundadas em sua cobertura. Quando perguntei ao porta-voz das FDI sobre essas acusações, ele riu sem acreditar que os repórteres tradicionais dariam credibilidade a invenções tão ultrajantes - mas deram.

Como o UPMRC é financiado?

Recebe U\$300.000 anualmente dos Estados Unidos para relações públicas e a Palestinian Red Crescent Society, do Dr. Arafat recebe U\$215.000 por ano em assistência dos EUA. Ambas as agências estão na lista das 59 organizações palestinas não governamentais que compartilharam U\$100 milhões em ajuda dos Estados Unidos desde 1997.

Você acredita que as Nações Unidas desempenham um papel no avanço da agenda de relações públicas palestinas?

Com certeza. A Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados Palestinos no Próximo Oriente (UNRWA) mantém um departamento profissional de relações com a mídia e um serviço de notícias chamado rede de televisão UNRWA, ambos baseados no campo de refugiados Ain el-Helweh no Líbano. A UNRWA coopera com os serviços de mídia da OLP e da Palestine Broadcasting Corporation (PBC) para fornecer informações e serviços à imprensa visitante. Sua literatura se concentra principalmente na situação dos refugiados que estão sendo alojados em campos até que possam "retornar à sua terra natal" - o que, de acordo com sua literatura, inclui não apenas os territórios capturados por Israel em 1967, mas também todas as áreas que Israel anexou após a Guerra da Independência em 1948.

A agenda da ONU é apresentar os árabes palestinos como vítimas. Em *Witness to History: The Plight of the Palestinian Refugees*, uma das várias cartilhas distribuídas pela UNRWA e publicadas pela MIFTAH, a agência de mídia palestina dirigida pela conhecida porta-voz palestina Hanan Ashrawi e encomendada pelo governo canadense,

afirma a ONU, na página 13, que todos os “refugiados e seus descendentes têm direito a compensação e repatriação para suas casas e terras de origem.... “

Como os palestinos e israelenses diferem em seus métodos de relacionamento com a mídia?

Porta-vozes palestinos profissionalmente treinados e disciplinados geralmente se apresentam como um bando desorganizado de amadores. Eles se encontram com repórteres ocidentais em hotéis modestos em Jerusalém ou Ramallah ou em campos de refugiados. Essa tática tem sido muito bem-sucedida em reforçar o estereótipo de seu lado como o oprimido ofendido. Uma entrevista com um palestino em um beco com pneus em chamas e balas voando no alto captura a imaginação dos editores que valorizam o valor do entretenimento - o drama humano se desenrolando.

Em contraste, quando correspondentes estrangeiros se reúnem com autoridades israelenses, eles geralmente são recebidos por habilidosos porta-vozes do governo em hotéis chiques, centros de mídia de última geração ou escritórios modernos. Os porta-vozes israelenses trabalham sob três falsas noções: primeiro, que R.P formal é persuasivo; segundo, que longas explicações da história do conflito serão mais eficazes do que curtos cliques para convencer o público da justiça de sua causa; e terceiro, que a correção moral de sua ação e causa é evidente para qualquer ser humano racional e justo. Nessa linha, o então ministro das Relações Exteriores de Israel, Shimon Peres, disse certa vez: “Boas políticas são boas relações públicas; eles falam por si próprios.” Infelizmente, Peres estava errado. Uma mentira pode ser mais poderosa do que a verdade, se você divulgar sua mentira bem o suficiente para que as pessoas acreditem nela.

Outro problema com as relações públicas israelenses é que é lamentavelmente descoordenada e às vezes contraditória. As notícias vêm de pelo menos quatro escritórios diferentes – As FDI, o Ministério das Relações Exteriores, o Gabinete do Primeiro-Ministro israelense e o Ministério da Defesa - e às vezes cada um transmite uma mensagem diferente. Em 28 de outubro de 2001, por exemplo, o Ministro das Relações Exteriores de Israel na época, Shimon Peres, deu várias entrevistas a agências de notícias israelenses e estrangeiras afirmando que Arafat não era responsável pela

atual onda de terror e apresentou como prova o fato de que a AP havia recentemente prendido vários terroristas do Hamas. Ainda assim, naquele mesmo dia, a inteligência das FDI se reuniu com mais de cem jornalistas para apresentar evidências que ligavam Arafat e sua organização Fatah à atividade terrorista do Hamas. Explicando como os grupos terroristas do Hamas treinam e operam na visão completa dos serviços de segurança da Autoridade Palestina, um porta-voz militar israelense forneceu à mídia a documentação de que a ala do Hamas opera oficialmente como parte integrante das forças de segurança da Autoridade Palestina de Arafat em Gaza; ele também apontou que dois terroristas do Hamas que estavam trabalhando para os serviços de segurança palestinos haviam assassinado quatro mulheres e ferido cinquenta civis na estação rodoviária de Hadera naquela mesma manhã.

Em contraste com as mensagens aparentemente descoordenadas vindas de Israel, os porta-vozes da Autoridade Palestina autocrática aderem a uma linha partidária com disciplina praticada, simplesmente recitando a ladainha padrão de reclamações sobre sua "opressão", a "ocupação", "abusos dos direitos humanos", "Racismo" etc.

Por que você acha que o governo de Israel teve tanta dificuldade nos últimos anos para transmitir seu ponto de vista à mídia ocidental?

Acho que Israel cometeu um grande erro em 1986, quando o ministro das Relações Exteriores de Israel, Shimon Peres, e seu vice, Dr. Yossi Beilin, revisaram a maneira como o governo se relacionaria com a OLP. Eles pediram ao Ministério das Relações Exteriores que cessasse a distribuição do pacto da OLP, que nunca mudou oficialmente a disposição que pede a destruição do Estado de Israel. Eles também pediram que o ministério parasse de definir a OLP como um inimigo. Em inúmeros briefings que o ministério realizou no final dos anos 1980, tanto Peres quanto Beilin explicaram que havia chegado a hora de deixar a luta contra a OLP no passado. A mudança da política de Peres / Beilin em 1986 abriu o caminho dois anos depois para que o governo dos Estados Unidos reconhecesse a OLP.

O governo israelense também deu aos palestinos uma carona de 1993 a 2000, durante o processo de Oslo de sete anos, minimizando os ataques terroristas e a mensagem de duas faces da liderança palestina, que apresentava uma mensagem de paz em inglês e

uma mensagem de guerra em árabe. Para impedir o colapso do processo de Oslo, os líderes israelenses e americanos decidiram, em 1993, ignorar as chamadas diárias de rádio e TV da AP por uma guerra renovada contra Israel. De fato, em 1995, quando o Institute for Peace Education Ltd., que nossa agência ajudou a facilitar, produziu vídeos dos discursos de Arafat promovendo a jihad (guerra santa), o então primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin e o ministro das Relações Exteriores israelense Shimon Peres pediram à TV israelense que não transmitissem qualquer um dos discursos de Arafat em árabe. Em setembro de 1995, Peres chegou a pedir ao deputado Ben Gilman, o presidente do Comitê de Relações Internacionais da Câmara dos EUA, para não realizar uma audiência especial em que esses vídeos dos discursos de Arafat fossem exibidos. O comitê da Câmara ignorou o pedido.

A política de "não diga" continuou durante a administração de Netanyahu de 1996 a 1999. Enquanto o escritório de Netanyahu produzia relatórios semanais sobre o incitamento da AP para membros do partido Likud, um alto funcionário da administração de Netanyahu me confirmou que os relatórios foram deliberadamente escondidos do Ministério das Relações Exteriores e a mídia israelense. Em outubro de 1998, durante minha cobertura da conferência de Wye, perguntei à embaixada israelense porque eles não distribuíram este material. Eles responderam: "O governo israelense minimiza a realidade da AP de Arafat para não alienar o governo dos EUA". O governo Barak, que assumiu o poder em maio de 1999, chegou ao ponto de eliminar discretamente a cláusula dos acordos de Oslo que exigia que a Autoridade Palestina deixasse de incitar Israel.

Como os palestinos e israelenses se comparam no tratamento que dispensam aos jornalistas estrangeiros?

O exército israelense frequentemente declara que as áreas estão fora dos limites da mídia, o que é como hastear uma bandeira vermelha diante de um touro. A primeira coisa que um repórter presume é que Israel está tentando esconder algo. Um repórter estrangeiro, que deseja permanecer anônimo, me disse que Israel cometeu um "erro horrível" quando "as FDI fecharam toda a Cisjordânia aos repórteres durante a Operação Escudo Defensivo e deixaram a área aberta a rumores selvagens plantados habilmente por porta-vozes palestinos . Não tínhamos como verificar os rumores, e

muitos de nós tivemos que relatá-los no formato “ele-disse, ela-disse”. E, é claro, quando as redes de TV colocam porta-vozes palestinos ao vivo para fazer suas acusações, então está lá e temos que lidar com isso”.

Em contraste, a AP raramente se envolve em confrontos com a imprensa estrangeira. Uma rara exceção ocorreu em outubro de 2002, quando dois soldados das FDI foram linchados na delegacia de polícia de Ramallah. A cena horrível foi capturada por uma equipe de TV italiana e enviada para o exterior sem passar pelos censores da AP. A AP exigiu um pedido de desculpas e uma promessa de nunca mais fazer isso - ou perder a permissão para cobrir o território palestino. Os italianos disseram mea culpa e prometeram nunca mais constranger os anfitriões. Pedimos ao nosso funcionário que voasse a Roma para entrevistar essa tripulação italiana, que nos contou, oficialmente, como havia sido intimidada por oficiais de segurança da Autoridade Palestina para fornecer uma carta de desculpas.

Que conselho você daria ao governo israelense para melhorar sua imagem na mídia ocidental?

Em vez de barrar os repórteres de “locais militares fechados”, as FDI e o governo israelense deveriam facilitar a cobertura da imprensa de todos os eventos, não importa o quão delicados ou perigosos sejam. Impedir que jornalistas façam seu trabalho, em alguns casos raros até atirando em sua direção, pouco faz para ganhar amigos na mídia.

Acho que a melhor maneira de Israel melhorar suas relações públicas é melhorar suas relações humanas. Do lado positivo, Israel finalmente começou a fornecer aos correspondentes informações de base mais concisas e úteis, como kits, CD-ROMs e perfis dos inimigos de Israel. Mas, em vez de fornecer aos repórteres os meios para chegar ao local de um ataque, Israel ainda prefere mantê-los afastados. Em suma, Israel precisa tratar os jornalistas com menos suspeita e mais respeito.

Você acredita que muitos jornalistas ocidentais nutrem um viés anti-Israel, ou há outros fatores que trabalham a favor do ponto de vista palestino?

Eu concordo com a avaliação do Dr. Mike Cohen, um analista de comunicações estratégicas baseado em Jerusalém e oficial da reserva das FDI, que diz que a maioria dos jornalistas estrangeiros não é inerentemente anti-Israel, anti-semita ou pró-palestino. Eles são, no entanto, facilmente influenciados pela manipulação palestina, que depende da falta de conhecimento prévio dos repórteres e editores, combinada com a falta de tempo e desejo de examinar os fatos em profundidade. Outro fator é o medo de perder o acesso a fontes palestinas e apoio logístico se suas histórias forem percebidas como hostis. Além disso, repórteres não palestinos são deliberadamente impedidos e intimidados ao tentar cobrir notícias que podem embaraçar a AP. Eu sei de vários jornalistas estrangeiros que relataram incidentes de incitamento palestino e foram barrados depois disso em briefings da AP.

Existem vozes palestinas dissidentes na mídia palestina?

Raramente se ouve uma voz dissidente entre os palestinos porque qualquer um que criticar publicamente a AP pode ser preso ou até executado. A mídia estrangeira é informada, e devidamente informa, que a pessoa em questão era um "colaborador". Um caso em questão: no início de março de 2002, a BBC relatou a execução de dois palestinos que haviam sido acusados de traição pela AP. Quando a equipe da BBC se reuniu com as famílias das duas vítimas, eles descobriram que ambas tinham um histórico de oposição à AP e que haviam criticado abertamente Arafat. O correspondente da BBC me disse que se tratava de dissidentes, não traidores, mas o Serviço Mundial da BBC optou por não relatar a história.

Em última análise, quão importante é o fator de relações públicas no conflito israelense-palestino?

Absolutamente crucial. Enquanto os jornalistas ocidentais projetarem uma imagem da AP como defensora dos direitos humanos e de Israel como um ocupante brutal, os fundos de desenvolvimento dos Estados Unidos e da União Europeia continuarão a fluir para os cofres da AP com poucos protestos públicos sobre o uso desse dinheiro para financiar a intifada, incluindo homens-bomba, como provam documentos apreendidos do escritório de Arafat durante a Operação Escudo Defensivo. Enquanto os profissionais de relações públicas palestinos continuarem a ditar a história para a mídia, os israelenses

continuarão a ser retratados como vilões e os palestinos como vítimas. É hora de mudar o roteiro.

Esta entrevista foi publicada na edição do verão de 2002 da revista Reform Judaism.